ESTILOS da Clínica
ISSN: 1981-1624
revista sobre a infância com problemas

DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v28i3 p425-441.

Fundamentos

Sublimação, angústia e violência no cenário do sofrimento psíquico contemporâneo

Ana Maria Loffredo

Resumo. No cenário das expressões do sofrimento psíquico contemporâneo, os atos terroristas são recortados como veículos privilegiados da violência urbana, sendo examinados no campo de operação da sublimação, em sua relação com a angústia e com a pulsão de morte, no âmbito da sublimação da agressividade. Impõem-se uma peculiaridade essencial da ocorrência terrorista: seu estatuto de espetáculo, em seu atravessamento pela mídia, destacando-se sua repercussão eminentemente visual. Como a pulsão de saber é tributária de duas pulsões parciais, a pulsão escopofílica e a pulsão de dominação, a exposição recorrente ao fascínio de "ver" remete à capacidade de pensar, potencializando-se a operação de uma das vertentes do arcaico, mais facilmente reativada nessas circunstâncias.
Palavras-chave: psicanálise e política, sublimação e angústia, Freud, violência urbana, terrorismo.

Sublimación y angustia en el escenario del sufrimiento psíquico contemporáneo

Resumen. En el escenario de las expresiones del sufrimiento psíquico contemporáneo, los actos terroristas se acotan como vehículos privilegiados de la violencia urbana, siendo examinados en el campo en que actúa la sublimación, en su relación con la angustia y la pulsión de muerte, en el ámbito de la sublimación de la agresividad. Es necesario considerar una peculiaridad esencial del acto terrorista: su estatuto de espectáculo en su paso por los medios de comunicación, destacando su repercusión eminentemente visual. Como el pulsión del saber es consecuencia de dos pulsiones parciales, el pulsión escopofílica y el de dominación, la exposición recurrente a la fascinación de "ver" aplaza la capacidad de pensar, potenciando el funcionamiento de una de las vertientes de lo arcaico, más fácilmente reactivada en esas circunstancias.
Palabras clave: psicoanálisis y política, sublimación y angustia, Freud, violencia urbana, terrorismo.

* Psicanalista, membro filiado à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: analoffredo@usp.br

Sublimation, anguish and violence in the scenario of contemporary psychic suffering

Abstract. In the scenario of the expressions of contemporary psychic suffering, terrorist acts are limited as privileged vehicles of urban violence, being examined in the field of operation of sublimation, in its relation to anguish and death drive, in the scope of the sublimation of aggressiveness. It´s required to consider an essential peculiarity of the terrorist occurrence: its status of spectacle, in its crossing by the media, highlighting its eminently visual repercussion. As the drive of knowledge is resulting from two partial drives, the scopophilic drive and the drive of domination, the recurrent exposure to the fascination of "seeing" delays the ability to think, potentiating the operation of one of the archaic sides, more easily reactivated in these circumstances.
Keywords: psychoanalysis and politics, sublimation and anguish, Freud, urban violence, terrorism.

Sublimación et angoisse dans le scénario de la souffrance psychique contemporaine

Résumé. Dans le scénario des expressions de la souffrance psychique contemporaine, les actes terroristes sont définis comme des véhicules privilégiés de la violence urbaine, étant examinés dans le domaine de l'opération de sublimation, dans sa relation avec l'angoisse et la pulsion de mort, plus précisément, dans le contexte de la sublimation de l'agressivité. Une particularité essentielle de l'événement terroriste s'impose: le statut de spectacle qui lui est conféré, dans son traversée par les médias, dans lequel il se demarque sa répercussion éminemment visuelle. Comme la pulsion de savoir est tributaire de deux pulsions partiels, la pulsion scopophile et la pulsion de domination, l'exposition récurrente à la fascination de «voir» nous mener à la capacité même de penser, potentialisant le fonctionnement d'un des aspects de l'archaïque, plus facilement réactivé dans ces circonstances.
Mots-clés: psychanalyse et politique; sublimation et angoisse; Freud; violence urbaine, terrorisme.

Inicialmente, serão brevemente apresentadas as leituras freudianas da angústia e da sublimação, no sentido de articulá-las ao campo de questões delineado pelas formas contemporâneas de sofrimento psíquico.

A angústia

A questão da angústia está subjacente a toda a trajetória freudiana, pois "o problema da angústia configura um enigma cuja solução haverá de lançar luz abundante sobre o conjunto de nossa vida psíquica", frase emblemática que dá o tom da 25ª das "Conferências introdutórias à psicanálise" (Freud, 1917/2014, p.520).

O primeiro momento desse trajeto envolve a diferenciação entre as neuroses de transferência e as neuroses atuais, em publicações de meados dos anos 1890, em que se destaca a ausência de participação psíquica na descarga somática pertinente à angústia, cuja emergência se deve a obstáculos na elaboração psíquica do afluxo de excitação sexual. Um acúmulo de tensão sexual não foi encaminhado pelas vias adequadas e, uma vez atingindo um valor limiar, produz a a sintomatologia da neurose de angústia, cujos correlatos somáticos assemelham-se às sensações e expressões da ação omitida, pertinentes à relação sexual. O vínculo entre libido e angústia era evidente nessas afecções, em função de uma falha na operação da "ação específica", devida a um déficit na "libido psíquica" (Freud, 1894, Rascunho E, Masson, 1986, p.79). Entretanto, nesse mesmo manuscrito, é afirmado que a angústia também "*poderia ser empregada para a acumulação de tensão física em geral*" (Masson, 1986, p.82, grifos meus), enunciado que será retomado posteriormente.

No segundo momento, a angústia é concebida como um dos desdobramentos do recalque, em função do processo de transformação da libido e se reporta à classificação da histeria de angústia como um processo patológico independente, ao lado da neurose obsessiva e da histeria de conversão (Freud, 1909/2015).

O terceiro momento, já no âmbito do segundo dualismo pulsional e da segunda top ologia, contém uma mudança teórica significativa, enunciada em "Inibição, sintoma e angústia" (Freud,1926[1925]/2014): o estatuto defensivo da angústia. É função do Eu, sede da angústia, liberá-la de forma mitigada, mediante o *sinal de angústia*, perante situações de *perigo*, definidas como ameaças de instauração de uma situação traumática. No cerne da definição de desamparo, vinculado ao campo dos excessos e articulado à descarga definida como *angústia automática* ou *angústia econômica*, o perigo envolve um esmagamento ou aniquilamento do Eu, no âmbito do exercício de suas funções.

Esse trajeto dá sustentação para o que é entendido, no geral, como *duas* teorias sobre a angústia, que se diferenciam na posição ocupada pelo recalque e pela angústia na sequência dos eventos e no abandono da hipótese da produção de angústia por transformação da libido. Nesse sentido, as diferenças estabelecidas entre o termo *Angst* e seus vizinhos em alemão, *Furcht* e *Schreck*, apresentam elementos essenciais para um desenho mais abrangente da operação da angústia: na"25ª Conferência de introdução à psicanálise: a angústia", em 1917, esclarece Freud:

> "angústia", se refere ao estado, não considerando o objeto, ao passo que "temor", chama a atenção precisamente para o objeto. "Terror", por outro lado, parece ter um sentido especial, o de realçar o efeito de um perigo que não é recebido com a prontidão da angústia. Pode-se dizer, assim, que o homem se protege do horror por meio da angústia. (Freud,1917[1916-1917]/2014, p.523)

Em "Além do princípio do prazer", essa diferenciação enfatiza sua articulação com o perigo: "Angústia' designa um estado como de expectativa do perigo e preparação para ele, ainda que seja desconhecido; (Freud, 1920/2010, p.169); e, finalmente, "Inibição, sintoma e angústia" destaca sua relação com a expectativa: "A angústia tem uma inconfundível relação com a *expectativa*; é angústia *diante de* algo. Nela há uma característica de *indeterminação* e *ausência de objeto"* (Freud,1926/2014, p.114, grifos do autor).

Devemos destacar justamente a *expectativa* constituinte da angústia, esse diante de algo, espécie de "assombração do objeto" que parece retornar. Afinal, "Freud nos permite predizer que o narcisismo é ele mesmo aparência e que por trás dele sempre se esconde a sombra do objeto invisível" (Green, 1988, p.37).

As obscuridades desse objeto que se vislumbra, embora incapturável, se vincula à noção de "perda de objeto", presente em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (Freud, 1905/2016), que se endereça a algo inscrito num movimento incessante de busca e de reencontro, que marca, de modo irremediável, uma ausência definitiva. Mas Freud não nos convence sobre as diferenças quase descritivas, estabelecidas entre esses termos e, nesse quadro, creio que o contexto do *Unheimlich*, no belo texto de 1919, remete com maior riqueza à encenação dos vislumbres e das obscuridades a que a questão da angústia nos acena.

As insuficiências estão claramente enunciadas, pois as oscilações de Freud em relação às novidades propostas em "Inibição, sintoma e angústia" aparecem em muitas passagens dessa obra, sendo retomadas na 32ª das "Novas conferências de introdução à psicanálise", em 1933,

na questão da *origem* da angústia, em que demonstra dificuldade na articulação dessas novidades com as formulações anteriores.[1]

Esses movimentos contraditórios permitiram recortar justamente a questão das *duas teorias* da angústia como objeto de investigação, acompanhando o próprio trajeto freudiano.

Em meio aos embaraços relativos à questão dos *afetos inconscientes*, Freud (1915/2010) nos dá uma deixa interessante, em "O inconsciente", ao comparar o par de delegados da pulsão junto ao psiquismo: embora considere que o representante ideativo continua existindo *"*como formação real no sistema *Ics,* enquanto ao afeto inconsciente corresponda apenas uma possibilidade incipiente" (p.116), oscila, afirmando, na sequência, que "bem pode haver, no sistema *Ics*, *formações afetivas* que, como outras, tornam-se conscientes" (p.117, grifos meus).

Essas ideias expressam as posições freudianas sobre as *emoções*, relíquias de comportamentos anteriores, inspiradas no pensamento darwiniano e presentes desde os primórdios das investigações freudianas: a "'expressão das emoções'... como Darwin nos ensinou, consiste em ações originalmente cheias de sentido e adequadas a um fim" (Freud, 1893-1895/2016, p.260); posição reforçada na 25ª das "Conferências introdutórias à psicanálise", em 1917, pois o afeto seria construído como um ataque histérico, reportando-se à ativação de uma reminiscência; e, em "Inibição, sintoma e angústia", a frase emblemática: "Os estados afetivos incorporaram-se à psique como precipitados de antiquíssimas vivências traumáticas, e são despertados como símbolos mnêmicos quando situações análogas ocorrem" (Freud,1926/2014, p.23).

Segundo o próprio texto freudiano, podemos supor o registro de *duas formações*, no sistema *Ics*, relativas aos representantes ideacional e afetivo, pertinentes a uma "memória ideacional" e a uma "memória afetiva", cujo investimento corresponderia a uma ideia e a um estado afetivo*,* no sistema *Pcs* (*Cs*)*.* O processo de recalque consistiria na separação dessas formações de seus respectivos investimentos libidinais, e a energia assim liberada seria deslocada para outras estruturas ideacionais e afetivas.

Na neurose de angústia, trata-se da ativação de um sinal de angústia *adquirido,* por meio de uma descarga econômica inserida na historicidade do sujeito; na histeria de angústia, do investimento de um registro do *patrimônio filogenético*, memória afetiva da angústia de castração, cuja reativação mobiliza os processos defensivos que conduzem às neuroses de defesa.

Na perspectiva do conceito de *séries complementares*, presente na equação etiológica das neuroses (Freud,1917/2014), à predisposição por fixação, somam-se vivências acidentais da vida adulta, de caráter traumático, e é o parâmetro *quantitativo*, em função das peculiaridades individuais, que decidirá pela emergência ou não da neurose. Posteriormente, no âmbito da segunda topologia, o conflito subjacente à neurose se circunscreve no espaço de tensão entre o Eu, que responde às exigências do supereu e da realidade, e as tendências pulsionais provenientes do id.

Esse percurso conduziu à hipótese segundo a qual o pensamento freudiano apresentaria *três* teorias sobre a angústia, passíveis de composição em um modelo integrado único, que abarcaria os vários *tempos* do processo de produção da angústia. Também foi necessário destacar a justaposição e o entrecruzamento de dois parâmetros na apresentação dessas duas

[1] Nesta reflexão, não é meu objetivo examinar os impasses freudianos relativos à busca incessante do *referente*, articulada à busca recorrente pelas *origens* (Loffredo, 1999).

teorias, que não costumam ser bem esclarecidos: a concepção de angústia como oriunda de *transformação* da libido e a produção da angústia em termos de sua relação com o *recalque* (Loffredo, 2012).

Segundo a articulação das perspectivas ontogenética e filogenética subjacentes a todo o percurso freudiano e, de modo eloquente, no Manuscrito "Neuroses de transferência: uma síntese", escrito para Ferenczi (Freud, 1915/1987), os registros de situações traumáticas reportam- se tanto à *ontogênese* como à *filogênese.* A angústia econômica deixará um registro de sua ocorrência, sendo esse o percurso dos afetos em geral, e cabe ao sinal de angústia, registro da angústia automática, abarcar essas duas dimensões. Portanto, a angústia econômica corresponderia a uma primeira experiência de angústia e as subsequentes reativações das marcas dessa experiência primitiva conduzirão a posteriores descargas de angústia.

Embora os determinantes do perigo mudem conforme o Eu se constitui, têm como característica comum a separação ou perda do objeto, ou de seu amor, pois essas condições prenunciam uma situação de desamparo: o nascimento, a perda da mãe como objeto, a perda do pênis, a perda do amor do objeto e a perda do amor do supereu (Freud, 1926/2014).

Vemos que o papel defensivo ocupado pela angústia no funcionamento psíquico é nuclear, cabendo ao Eu, sede da angústia, emitir o sinal de alerta para colocar o processo defensivo em andamento. Em função do mecanismo de *regressão*, assim mobilizado, o modo de operação ao qual a libido retorna por *fixação* (oral, sádico-anal, fálico) define que modalidades de defesa serão utilizadas e, consequentemente, que processo de formação de sintomas se efetuará.

Se retomarmos a afirmação de Freud sobre uma *dupla origem* da angústia, em 1933, em articulação às formulações iniciais presentes na correspondência com Fliess, que concebiam a angústia como derivação de um acúmulo de tensão física *em geral e não apenas de caráter libidinal*, carece de fundamento a suposição de produção da angústia por transformação da libido, fio condutor subjacente a três décadas da pesquisa freudiana.

Como o "princípio de constância" é soberano, a angústia se reportaria a um escoamento de libido, no caso de um acúmulo de tensão sexual, e de um escoamento pelas mesmas vias sensório-motoras, em se tratando de outras modalidades de tensão provenientes da *necessidade da vida*, expressão freudiana emblemática, presente em "Projeto de uma psicologia" (Freud, 1895c/ 2003, p.177).

Pelo exposto, nossa hipótese é que haveria *dois tempos* na produção da angústia, no âmbito de sua relação com o recalque: ela surgirá, inevitavelmente, em situações de conflito - que representam uma ameaça de situação traumática, mobilizada pelo reinvestimento da memória filogenética de castração; mas poderá ocorrer, também, a partir do recalque, em função do destino da libido retirada dos representantes pulsionais.

A proposta de um espectro integrado da metapsicologia da angústia em três tempos pretende demonstrar que a "segunda teoria" explicitaria um "segundo tempo", que, complementado pela "primeira" teoria, vinculada a um "terceiro tempo", formaria uma tentativa teórica conjugada de entendimento da relação entre recalque e angústia. A teorização relativa à angústia automática, por sua vez, daria suporte a um "primeiro tempo" do percurso, necessário para que se registre um sinal de angústia, base de operação dos dois movimentos subsequentes.

A sublimação

Embora a temática da sublimação apareça, pela primeira vez, em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (Freud, 1905/2016), não só atravessa toda a investigação freudiana, como já ocupa espaço no epistolário com Fliess (Masson,1986), nas reflexões iniciais sobre a articulação da sexualidade com o desenvolvimento da moralidade, em sua relação com a psicopatologia. Entretanto, em "O mal-estar na civilização", no final de seu trajeto, o próprio Freud (1930/2010) enfatiza o inacabamento de sua apreensão conceitual, ao afirmar que esse destino pulsional, "*um dia* poderemos caracterizar metapsicologicamente" (p. 35, grifos meus).

As vicissitudes do conceito eram examinadas, prioritariamente, no âmbito da relação da sublimação com a *erotização*, no período compreendido entre os "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (Freud,1905/2016) e as "Novas conferências introdutórias à psicanálise" (Freud 1933/2010). A sublimação envolvia uma mudança de *meta* das pulsões sexuais, e pretendia esclarecer, metapsicologicamente, atividades que não apresentam um fim sexual explícito: a criação artística, a investigação intelectual e, de modo geral, as atividades valorizadas culturalmente. Daí a importância do período de latência, em que são construídas as forças psíquicas que, no decorrer do desenvolvimento, serão obstáculos ao curso da pulsão sexual, funcionando como espécies de "diques", de modo que a operação do recalque regule a sexualidade perverso-polimorfa: o asco, o sentimento de vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais.

Há uma articulação de hipóteses muito bem amarradas que sustenta o entendimento da sublimação: a ideia de uma fonte de desprazer *inerente* à pulsão sexual (Masson,1986) permite supor que os "restos de libido pré-genital", por ela produzidos, alimentam a *aptidão* constitucional para sublimar, oriunda da força originária da pulsão; a concepção de que a excitação sexual é gerada como *efeito colateral*, numa grande variedade de processos internos; as *vias de influência recíproca* que regem as relações entre o sexual e o não-sexual; e a *diversidade inata* da constituição sexual, cujo processamento ulterior conduz a três destinos : perversão, recalque e sublimação.

A tese fundamental subjacente à definição inicial de sublimação está bem exposta em "A moral sexual 'civilizada' e o nervosismo moderno" (Freud, 1908/2015): "A influência prejudicial da civilização se reduz essencialmente à repressão [*Unterdrückung*] nociva da vida sexual das populações (ou camadas) civilizadas por obra da moral sexual 'civilizada' que nelas impera" (p.166/366.). Desse modo, "as energias utilizáveis no trabalho da cultura são obtidas em grande parte pela repressão dos chamados elementos *perversos* da excitação sexual" (p.370).

Observamos que a tensão pertinente ao espaço teórico da sublimação já se anunciava, desde então, em sua *dupla* face e função *paradoxal*, tratando-se de operação subjacente tanto ao patrimônio constituído como ao sofrimento psíquico, na inarredável renúncia pulsional inerente às exigências civilizatórias.

Em "Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci" (Freud,1910/2013), obra clássica no estudo da sublimação, são anunciados os impasses em sua teorização e o alcance de seu potencial heurístico. Na investigação do processo de criação artística e científica, dupla via do talento do artista, a atenção freudiana repousa, especialmente, na pulsão de saber e seus desdobramentos. Essa primorosa investigação metapsicológica explicita a rede de cooperação entre recalque, sublimação, fixação e regressão; a questão da relação entre abstinência e potencial sublimatório; e a ideia da criação como escape para o desejo sexual. No bojo desse

conjunto complexo se destaca a relação de "natureza dialética" (Green, 2010, p.234) entre a sublimação e o recalque, cuja missão é impor obstáculos à passagem da moção pulsional. Devendo ser enfatizada a afirmação freudiana alvo de muita discussão na literatura: "a libido se furta ao destino da repressão, ao sublimar-se em ânsia de saber *desde o início* e juntar-se ao vigoroso instinto de pesquisa, reforçando-o" (Freud, 1910/2013, p.140, grifos meus). Creio que essa formulação nos remete a uma dessexualização imediata, na linha de que a sublimação precisa se impor, *sem escolha*, nos primórdios do desenvolvimento libidinal.

"Introdução ao narcisismo" (Freud, 1914/2010), ao tematizar a diferenciação entre idealização e sublimação, permite que a recorrente articulação da sublimação à beleza e ao sublime, especialmente subjacentes à arte e a literatura, comece a ser definitivamente nuançada. A tensão entre as demandas pulsionais e as exigências culturais atinge novos matizes teóricos, no bojo das estreitas relações da sublimação com a formação dos ideais, denunciando a proximidade de sua operação com a do recalque.

A sublimação é convocada em sua *aliança com a erotização* muito mais do que em contraponto à sexualidade, em "Psicologia das massas e análise do eu" (Freud, 1921/2011) e trabalhos adjacentes. O desenvolvimento da libido abrange as dimensões individual e coletiva, na constituição das relações sociais, e os processos de identificação ocupam uma posição especial, destacando-se a cooperação entre pulsões sexuais *não inibidas* e *inibidas em sua meta*. Estas últimas são particularmente significativas para o estudo da sublimação, envolvendo uma atitude libidinal em que a "a ausência de descarga sustenta a moção pulsional em direção ao objeto numa caça ininterrupta, mobilizada pelo prazer da excitação vinculada à esperança de alguma conquista" (Mijolla-Mellor, 2012a, p.33), peculiaridade desse destino pulsional que sublinha como ele não alimenta uma posição de onipotência no sujeito, mobilizando-o, ao contrário, na direção de metas jamais totalmente alcançadas.

"O eu e o id" (Freud,1923/2011) abre novas perspectivas para o entendimento da sublimação, no âmbito do objeto, em função do novo dualismo pulsional, e apresenta afirmações inquietantes que estimulam leituras diversas sobre suas repercussões na vida psíquica. No âmago do processo de identificação, é sublinhada a relação da sublimação com o trabalho de luto e com a pulsão de morte, pois a transformação da libido objetal em libido narcísica significa

> uma dessexualização, ou seja, uma *espécie* de sublimação....talvez a sublimação ocorra por *intermediação do eu*....Mais adiante consideraremos se tal transformação não pode ocasionar outros destinos para as pulsões, como, por exemplo, uma *disjunção* das diversas pulsões amalgamadas. (Freud, 1923/2011, p.37, grifos meus)

Embora não tenham sido suficientemente destacadas na literatura, trata-se de *duas* operações paralelas: de um lado, é anunciada a transformação da libido objetal em narcísica e, de outro, embora em sua vizinhança, está em relevo a sublimação: "O impasse dessa implicação recíproca não é ultrapassado a não ser que se considere que *não se trata do mesmo tipo de sublimação*" (Mijolla-Mellor, 2012b, p.50, grifos meus): o primeiro corresponderia a um uso "fraco" do termo, associado à definição inicial de sublimação em sua vinculação à meta não sexual; o segundo, ao contrário, permite vislumbrar o conjunto dos objetos possíveis das pulsões sublimadas, começando pelo eu.

As considerações anteriores são estratégicas para o estudo da sublimação, não só permitindo afirmar que ela deve ser abordada de modo *plural* como também que muitos

impasses para seu entendimento reportam-se a uma apreensão unívoca e generalizante de sua operação. Assim se apresenta uma perspectiva frutífera, ao desembaraçá-la de uma visão clássica, homogeneizante e restritiva, colocando-se em evidência seu potencial heurístico.

Devemos, ainda, enfatizar como o *timing* e a *temporalidade* são essenciais na operação sublimatória, pois tanto ocorre uma sublimação sem escolha, que deve ser imediata, como supomos um intervalo de tempo envolvido nas outras etapas de sua ocorrência. Nesse contexto temporal, o sinal de angústia, definido em "Inibição, sintoma e angústia" (Freud, 1926/2014), deve funcionar em cooperação com a sublimação, pois implicam uma espécie de parentesco: o primeiro evita uma condição potencialmente traumatizante, e a sublimação também viabiliza esse encaminhamento, ao abrir caminhos alternativos para operações de ligações.

Esse conjunto conceitual convergiu para a tese pertinente a *dois tempos* na operação da sublimação (Loffredo, 2014): o primeiro, em função de uma condição imperativa, caberia ser definido como *sublimação primária*, articulada justamente a uma sublimação "desde o início", expressão enigmática presente em "Leonardo"; o segundo abrangeria a diversidade das vias alternativas por meio das quais se viabilizam as estratégias de sua operação, assim operando no regime de *sublimação secundária*, que dá uma ordenação a esse conjunto de possibilidades.

Nessa segunda etapa, sua interlocução com o "recalque propriamente dito" estabelece-se de modo muito diversificado, num amplo espectro de alternativas em seu convívio com as múltiplas modalidades de "retorno do recalcado" (Freud, 1915a/2010, p.94). Ponto fundamental da operação sublimatória, pois a parcela da pulsão que ficou subtraída ao recalque se disponibiliza, exigindo, de modo recorrente, um escoamento pela escolha sublimatória.

O aspecto "perigoso" da sublimação se anuncia claramente no seio desse processo: o Eu se apodera da libido objetal, impõe-se como único objeto de amor, dessexualiza ou sublima a libido do Id, e assim "trabalha *de encontro* às intenções de Eros, coloca-se a serviço das moções pulsionais contrárias" (Freud,1923/2011, p.57, grifos meus), assim emergindo, no quadro do cenário edípico, o *sentimento inconsciente de culpa*:

> O Super-eu nasceu de uma identificação com o modelo do pai. Toda identificação assim tem o caráter de uma dessexualização ou mesmo sublimação. Parece que também ocorre, numa tal transformação, uma *disjunção* pulsional O componente erótico não mais tem a força, após a sublimação, de vincular toda a destrutividade a ele combinada, e esta é liberada como pendor à agressão e à destruição. (pp.68-69, grifo meu)

Essa obra provoca ressonâncias inquietantes, significando um salto metapsicológíco na apreensão da sublimação, com sua inserção numa rede de articulação entre o narcisismo, a identificação e a dessexualização, que, em seu conjunto, significam uma função de antagonismo a Eros: "a conotação narcísica passou aqui de um narcisismo de vida a um narcisismo de morte" (Green, 2010, p.243).

Embora as obras subsequentes não tragam novidades significativas, "O mal-estar na civilização" (Freud,1930/2010) reforça uma espécie de aliança entre a sublimação e a erotização, no âmago do convívio turbulento do dualismo pulsional e as alternativas sublimatórias são muito diversificadas: "seríamos tentados a dizer que a sublimação é o destino *imposto* ao instinto pela civilização" e se esta é construída sobre a renúncia pulsional "já sabemos que é a causa da hostilidade que todas as culturas têm de combater" (p.60, grifo meu).

Essa obra magna não trata da sublimação como seria esperado, mas sua posição paradoxal está nas entrelinhas de toda essa reflexão: tanto no amansamento da pulsão de morte como no

potencial para o aniquilamento, limite para o qual tende a desfusão, contida na própria definição de fusão pulsional : "Destino pulsional intrigante cuja *potencialidade mortífera* se encena no âmago do processo de inserção cultural, pertinente à montagem superegoica" (Loffredo, 2015, p.59, grifo do autor).

A 32ª das "Novas conferências introdutórias à psicanálise" (Freud, 1933/2010) traz uma afirmação, de certa forma decepcionante, que reforça o inacabamento e as oscilações freudianas sobre sua operação: "Denominamos *sublimação* um certo tipo de modificação da meta e mudança de objeto, em que nossos valores sociais entram em consideração" (p.244, grifo do autor). Com o adensamento de sua teorização, é mesmo surpreendente, ao final do percurso freudiano, a ênfase na definição de sublimação atrelada à importância dos "valores sociais", proeminente nas pesquisas iniciais sobre esse destino pulsional e, em geral, apreendida, de modo equivocado, por seus seguidores.

Sofrimentos psíquicos contemporâneos : desamparo, transgressão e alteridade

As expressões do sofrimento psíquico na atualidade revelam, em seu conjunto, graves dificuldades na capacidade de *simbolização,* na qual estão implicadas a temporalidade e a capacidade de continência. Sem muito esforço, podemos estabelecer, por exemplo, semelhanças da conceituação freudiana pertinente à "neurose de angústia", de 1895, com o que a psiquiatria atual denominou "síndrome do pânico" (Menezes, 2006) e, também, com as manifestações do campo da psicossomática, já presentes na constituição da psicanálise com Groddeck e Ferenczi.

Essas patologias traduzem uma excitabilidade não vinculada psiquicamente, em função de uma incapacidade de elaboração psíquica, que se vincula à definição freudiana de *situação de desamparo*, em sua dimensão propriamente clínica, presente em "Inibição, sintoma e angústia" (Freud,1926/1990); e, no âmbito do processo civilizatório, à *condição de desamparo*, oriunda dos impasses inerentes e inarredáveis que atravessam a constituição da subjetividade, tematizada em "O mal-estar na civilização" (Freud,1930/2010).

A operação do sinal de angústia fica particularmente prejudicada pelos obstáculos à simbolização, sendo um dispositivo crucial, espécie de "regulador de voltagem", cuja missão é mobilizar o processo defensivo para prevenir o traumatismo subjacente à erupção da angústia automática, que inunda o Eu de surpresa e dificulta ou paralisa seu funcionamento.

Desse quadro se desdobram as várias modalidades de *excessos* tão presentes na clínica psicanalítica nas últimas décadas e já exaustivamente veiculados na literatura psicanalítica, pois o alerta proveniente da angústia como "sinal" envolve uma atividade de "interpretação" e de "leitura", derivadas da capacidade de elaboração pertinente à simbolização. Não é surpreendente que assim se mobilize a transgressão em suas variadas formas, desde que um dos perigos alertados pela angústia-sinal se alinha justamente na direção do limite imposto pelas interdições, para que a ameaça de transgressão não se concretize.

Essa perspectiva estava subjacente à definição de histeria de angústia como um quadro psicopatológico autônomo, em 1909, e, especialmente, na teorização da relação entre recalque e angústia, em 1926, quando a *angústia de castração* é considerada o motor dos processos defensivos que levam à neurose, pois esses excessos "vinculam-se justamente a uma *falta* que potencializa o sujeito contemporâneo a modalidades multifacetadas de traumatização" (Loffredo, 2014, p. 359, grifo do autor).

Trata-se de uma dificuldade na elaboração subjacente ao trabalho de luto, que sustenta a operação da simbolização e a realização metafórica da linguagem (Birman, 2006), de modo que "O sujeito é então lançado ao real do corpo e à ilusão capturante da imagem, aprisionado pela ausência do exercício libertador da alteridade" (Loffredo, 2013, p.113).

Esse contexto teórico se articula ao amplo espectro das formas de compulsão e às expressões de sofrimento psíquico alojadas no corpo biológico; ao campo das patologias do contato e do vazio, em que se incluem as várias formas de depressão; as "patologias da identidade", que denunciam como o paciente atual se apresenta como "um ser em confusão" (Herrmann, 1994, p. 321), distante da sintomatologia das psiconeuroses de defesa, em função do recalque pulsional; à questão dos "estados-limite"; à exacerbada passagem ao ato, por múltiplas vias, delineando a proeminência da hiperatividade na atualidade, em estreita relação ao cenário diversificado e inquietante da violência e da crueldade.

Na dinâmica de uma "despossessão de si" (Birman, 2006, p. 186), expressão enfática que sintetiza esse drama encenado nas fronteiras, tornam-se proeminentes o incremento do registro do corpo, a ausência de limites para a ação e a "suspensão do eu", que falha na sua função reguladora das relações entre o corpo e o mundo, "Imerso que está na dimensão traumatizante dos excessos, circunscrita pela definição de desamparo e tão bem expressa pela reação da angústia automática" (Loffredo, 2013, p.113).

Essa compulsão à descarga, mobilizada por caminhos diversos, nos conduz ao âmbito da constituição das *instâncias ideais* e assim chegamos a uma perspectiva que se afasta do critério clássico, abrangente e restritivo para definir a sublimação, atrelado à dimensão de *valor*:

> As atividades sublimadas podem ser intensamente valorizadas pelo grupo social de pertinência, ignoradas por ele ou rejeitadas e condenadas. O critério que fará delas sublimações se remete a essa negociação interna do sujeito com seu narcisismo e suas instâncias ideais. (Mijolla-Mellor,2005a, p.110)

O patrimônio freudiano e seus desdobramentos legitimam a inserção consistente da psicanálise nesse cenário de dores, desde que, por definição, o "Homem Psicanalítico", aquele que o método psicanalítico pretende produzir, "é uma crise ambulante de identidade e realidade.... A Psicanálise, aliás, surge na esteira dessa longa história de crítica das ilusões e dos simulacros; é uma ciência da desilusão, em seu sentido forte" (Herrmann,1994, p. 318 e p.320).

A violência midiatizada

No cenário cotidiano e midiatizado da violência impingida a um outro, no espectro do qual os atos terroristas ocupam um papel peculiar e uma posição limite, três aspectos poderiam ser destacados: "a luta pela identidade, o combate pela sobrevivência e o ataque pela dominação" (Mijolla-Mellor, 2011, p.161).

Embora haja a tendência de colocar o assassinato e, mais geralmente, a morte dirigida a um outro, no campo tanático da operação da pulsão "de morte", o que essas três configurações destacam é, ao contrário, um esforço na direção da própria vida, na dimensão de Eros. Nesse sentido, ela é defletida para o outro, voltando-se ao aniquilamento do que é exterior a si, como é proposto por Freud (1920/2010), em "Além do princípio do prazer". Esse aspecto paradoxal do movimento erótico, no bojo da morte impingida ao outro, implica "uma lógica narcísica que ignora os processos sublimados da dominação", em que, na defesa de suas fronteiras é a

“incapacidade do Eu de suportar de estar ‘com’ que não somente o leva a suprimir seu laço com o outro, mas o leva a anulá-lo enquanto ser vivo” (Mijolla-Mellor, 2011, p.162).

Nessa perspectiva, o assassinato individual ou coletivo não desvia a pulsão de morte para o exterior, mas a coloca em operação no interior de um organismo maior (casal, família, nação, humanidade), ao qual pertence o assassino e também sua vítima. Nessa linha, como o homem seria um *animal de horda* e não um *animal de massa* (Freud, 1921/2011),

> o discurso freudiano enunciava que a culpa e a piedade, como reguladores morais que seriam, não poderiam mais suspender e colocar à distância de maneira efetiva a condição fundamental de horda, que caracterizaria decididamente o sujeito humano [de modo que] os imperativos de matar como o do exercício da violência permeariam o espaço social permanentemente. (Birman, 2016, p.65 e p.66)

Eros tende a manter a homeostase de um conjunto garantindo a união de suas partes; e a missão da pulsão de morte não significa nem o prazer sádico de assassinar nem o movimento masoquista de recebê-la, mas implica a fantasia de um universo desolado, esvaziado de seus objetos. Sua tendência na direção da desfusão pulsional está subjacente aos fenômenos da violência, nos âmbitos individual ou coletivo, estando em questão o laço pertinente ao que é aniquilado, pois o movimento mortífero mira a *dissolução de elos*. De modo que a operação da pulsão de morte, no âmbito grupal, “está na origem da vontade de apagar as diferenças e de restabelecer a pureza no sentido da ausência de mistura” (Mijolla-Mellor, 2011, p.163).

Esse “horror” à expressão das diversas modalidades das “diferenças” dão fundamento a espantosas ações no plano político, desdobrando-se em políticas públicas em que saúde, cultura, educação e meio ambiente, são deliberadamente atacados, como pudemos observar, em anos recentes, no Brasil, em que as violências pertinentes ao espaço ocupado pela miséria, pelos excluídos dos direitos básicos, em função de gênero e de raça, foram alimentadas e reforçadas.

Em sua resposta à Einstein, Freud (1932/2010) enfatiza a dinâmica Eros-Tanatos, já presente em “O mal-estar na civilização”:

> já não entendo que pudéssemos ignorar a onipresença da agressividade e destrutividade não erótica, deixando de lhe conceder o devido lugar na interpretação da vida....o pendor à agressão é uma disposição da pulsão original e autônoma do ser humano, e a civilização tem aí o seu mais poderoso obstáculo. (Freud, 1930/2010, p.87 e p.90)

Mas nessa mesma carta afirma que: “não se trata de eliminar completamente as tendências agressivas humanas: pode-se tentar *desviá-las* a ponto de não terem que se manifestar na guerra” (p.430, grifo meu). Estamos no âmago da definição de sublimação, especificamente, no campo da *sublimação da agressividade*, temática que foi objeto das reflexões freudianas, muito tardiamente. Escreve para Marie Bonaparte, em 27/5/1937:

> Todas as atividades que reestruturam algo ou que produzem mudanças são, em certa medida, destrutivas e realizam um desvio do institnto original de destruição. Mesmo o instinto sexual, como sabemos, não pode atuar sem certa dose de agressão. Por isso, na combinação regular dos dois instintos há uma sublimação parcial do instinto destrutivo. (Jones, 1962, p. 479)

Como o sentimento de culpa é considerado "o problema mais importante da evolução cultural" (Freud, 1930/2010, p.106) e é necessário recortar o "devido lugar na interpretação da vida" para a "onipresença da agressividade e destrutividade não erótica" (p.87), é fundamental examinar a *articulação* do sentimento de culpa à sublimação da agressividade - questão crucial no âmbito da temática da violência, vinculada à investigação de "que *modalidades de fusão* pulsional são passíveis de serem empreendidas pela operação sublimatória, nos mais variados contextos, já que, enquanto tais, as expressões mortíferas não são diretamente sublimáveis" (Loffredo, 2014, p. 362, grifos do autor).

Nesse caso, devemos diferenciar agressividade, ódio, raiva e crueldade, pois, em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", Freud (1905/2016) considera que

> A crueldade tem relação estreita com o caráter infantil, pois o empecilho que faz o instinto de apoderamento se deter ante a dor do outro, a capacidade de *compaixão,* forma-se relativamente tarde.... A ausência da barreira da compaixão acarreta o perigo de que essa união dos instintos cruéis com os erógenos, ocorrida na infância, venha a se mostrar *indissolúvel* mais tarde. (p.101, grifos meus)

Devemos sublinhar que a operação desse componente pulsional está mergulhada num contexto *arcaico*, vinculado a um alvo pulsional não especificado - "o outro se acha desobjetalizado, negado em sua identidade" (Mijola-Mellor, 2005b, p.146) - , o que nos conduz a uma afirmação conclusiva do ponto de vista metapsicológico: "Consideramos a *crueldade como não procedendo de nenhum ódio do objeto, mas de uma intenção predatória que ignora a alteridade do objeto*" (p.147, grifos do autor).

As múltiplas expressões da violência e da crueldade explicitam, portanto, dificuldades inerentes à operação das fronteiras no exercício da *alteridade*, de tal forma que o aspecto proeminente desse cenário enfatiza como

> em diferentes registros dos laços sociais a relação com o Outro seria marcada de forma agonística, na qual a figura do diferente seria transformado não apenas na figura do *adversário,* mas principalmente na do *inimigo*". (Birman, 2016, p.66, grifos do autor).

Assim emerge com toda a sua força o conceito de "narcisismo das pequenas diferenças" (Freud,1918/2013, p.374), para a reflexão dos inquietantes embates e sofrimentos de *fronteira* que inundam o mundo contemporâneo, na contramão da homogeneização veiculada pela globalização e da comunicação diversificada e alucinante, em tempo real, das mídias digitais.

Segundo a metapsicologia da angústia, num primeiro momento, as estratégias de violência urbana e, em seu limite, os atos terroristas impedem a "preparação" defensiva anunciada pela sinalização de "perigo" e inviabilizam alternativas de defesa com as quais o Eu costuma operar. Cria-se uma espécie de "estupefação" desordenada pelo ineditismo das vias pelas quais a pulsão de destruição se apresenta. Em seus desdobramentos, provocam uma turbulência social e política pela *expectativa angustiada* de ataques recorrentes, à qual se associa um estado permanente de vigilância e de tensão, de modo que o aspecto de *potencialidade à traumatização* é evidente e mesmo alimentado, do ponto de vista individual e coletivo.

Como a dinâmica fundamental subjacente à psicologia das massas se reporta à "intensificação do afeto e à inibição do pensamento" (Freud, 1921/2011, p.40), podendo provocar uma profunda *alteração* na atividade anímica do sujeito, o que devemos esperar segundo esses parâmetros?

Somos atingidos por uma peculiaridade essencial da ocorrência midiática - seu estatuto de "espetáculo" - , que se desdobra em difusão e midiatização, em que fica proeminente sua repercussão eminentemente "visual". No bojo de informações escritas, faladas ou visuais há *uma imagem que se repete*, de modo que a pretensão de informar é atravessada por uma tentativa de buscar um sentido, num cenário tingido pelo horror da violência que emerge do acaso. Mas parece que essa exibição *não* promove uma compreensão da situação por parte de quem a vê: com o *horror* da visão da destruição, "operou-se uma *regressão* do pensável ao visual" (Mijolla-Mellor, 2005b, p.139, grifo da autora), com evidentes ressonâncias nas operações psíquicas.

Em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (Freud, 1905/2016), a partir de 1915, a *pulsão de saber* é concebida como tributária de duas pulsões parciais, diretamente erógenas, a pulsão de ver e a pulsão de domínio, ou seja, no âmbito do desejo-prazer de ver, implicado nessa construção teórica, a *pulsão de saber trabalha com a energia do prazer escópico*.

Nesse contexto, interessa-nos particularmente a hipótese radical e interessante, relativa a uma verdadeira "necessidade de ver", inserida num conjunto em que se articulam suas interferências recíprocas com a "necessidade de crer" (Mijolla-Mellor, 2004) e com a "necessidade de saber" (Mijolla-Mellor, 2002). Na dinâmica subjacente a esse campo, creio que podemos inserir a frase emblemática "Ver para crer", que assim autentica *a força do fato* (Mijolla-Mellor, 2005b).

É nesse sentido que o impacto da densidade traumática dos recentes atos golpistas, em 8 de janeiro de 2023, em Brasília, no coração pulsante da República brasileira, aloja o horror "inacreditável" da destruição, acompanhado do ataque "inacreditável" a símbolos da democracia, do poder legitimamente constituído e de nossa produção cultural.[2]

Esse esquema teórico permite acessar não só as transmissões desses assustadores atos anti-democráticos, *em tempo real*, em nosso país, o atentado às "Torres gêmeas", em 11 de setembro de 2001, que se tornou exemplar em nível planetário[3] como também outras modalidades de violência, como as chacinas em morros cariocas e as ações de grupos de milícias e de traficantes. E, ainda, o quadro "inacreditável" de balas perdidas que atingem as pessoas, sem discriminação nem endereço certo, e que inundam as mídias, em tempo real.

Portanto, a midiatização das expressões de violência nos expõe, duplamente, à dimensão dos "excessos", na dimensão do que é potencialmente traumatizável - a visão do ato e sua ininterrupta e recorrente *repetição*. Em contraponto, somos instados a passar da "angústia da ficção" para a "angústia da realidade" e, desta, para a "banalização do horror" (Arendt, 1999; Mijolla-Mellor, 2011).

No espaço aberto para a *regressão do pensamento*, na perspectiva do mecanismo da produção do sonho, instala-se uma espécie de *fascinação* onírica, que impede a emergência do pensamento, enquanto o acontecimento não é apreendido no seio de sua retomada discursiva, assim inserida no plano da *simbolização*. Está em ação uma das vertentes de operação do

---

[2] Neste ensaio, não é primordial a diferenciação entre atos terroristas e atos insurrecionais vinculados à desobediência civil (Arendt,1972; Mijolla-Mellor, 2011), já que ambos alojam experiências de "terror", subjacentes a essas formas de violência. Nossa atenção se dirige às ressonâncias psíquicas desses ataques, passíveis de tematização à luz da metapsicologia da angústia e da sublimação, em termos de um componente que lhes é crucial - sua midiatização.

[3] Os canais americanos de TV veiculavam uma chamada, destacando que *não era uma ficção*, mobilizando em imagens repetitivas o impulso de legitimar o ataque "inacreditável" a símbolos de prosperidade e poder

"arcaico", potencialmente reativável em certas circunstâncias, nas quais o pensamento regride a mecanismos primitivos de funcionamento.

Chegamos à eloquente *sedução da palavra*, ingrediente fundamental na dinâmica psíquica que se instaura entre a massa e seu líder; e à frase emblemática de "Projeto de uma psicologia" (Freud,1950[1895]/2003), no cuidado crucial que o "semelhante" deve dispensar ao bebê, ao decifrar seus apelos, assim se conferindo à *palavra ouvida* um traço fundante da subjetividade:

> esta trilha de eliminação passa a ter, assim, a função secundária da mais alta importância de *comunicação*, e o desamparo inicial do ser humano é a *fonte originária* de todos os *motivos morais*" (p.196).

Vislumbramos outra vertente do "arcaico", por meio "desse *fascínio* provocado pela palavra ouvida, que *embala* e *embriaga* , da qual os líderes sempre fizeram um bom uso e à qual se articula a força do "grande homem" em sua vinculação à nostalgia do pai, no cenário delineado em "Moisés e a religião monoteísta" (Loffredo, 2013b, p.64).

A compaixão

Em inúmeras passagens, Freud se refere ao conceito de "aptidão ou disposição para a cultura", retomando-o ao final de seu percurso, no bojo da noção de *sublimação,* veículo por meio do qual se operaria a capacidade individual de remodelar as pulsões egoístas e violentas sob a influência do erotismo - formulação "forte", implicada na missão da sublimação, no atravessamento de um mal-estar constitutivo e inarredável. (Freud, 1940[1938]/2018). É, portanto, crucial, dar acolhimento para essa

> função contraditória, simultaneamente disruptiva, organizadora, perigosa, criadora e subversiva da sublimação, no sentido de que deve subverter versões já consagradas da circulação pulsional, no movimento incessante de dar alimento para a fome do desejo, que se realiza, mas jamais se satisfaz - pois, afinal, cabe a cada um dar o melhor de si para construir o estilo singular de sua própria felicidade. (Loffredo, 2014, p.365)

Em "O mal-estar na civilização" , ao tentar explicar o incremento do sentimento de culpa em função do não cumprimento de uma demanda erótica, Freud (1930/2010) considera que "é somente a agressividade que se transforma em sentimento de culpa, ao ser suprimida e transmitida para o Super-eu", de tal forma que "quando uma tendência instintual sucumbe à repressão, seus elementos libidinais se transformam em *sintomas*, seus componentes agressivos, em sentimento de *culpa* (Freud, 1930/2010, p. 112 e p.113, grifos meus) ; este último, justamente, definido como "uma variedade topográfica da angústia, coincidindo em suas fases posteriores inteiramente com o *medo ao Super-eu*" (p.108, grifos do autor).

Entretanto, nesse cenário inquietante que nos atravessa, em que a *sublimação da agressividade* é convocada a ocupar o papel central e específico que lhe cabe, somos conduzidos a concluir que

> o aspecto gasoso e imponderável da atmosfera sublimatória parece que estaria rarefeito nos dias atuais, em função justamente de dificuldades no plano da continência libidinal, condição que supomos crucial para a circulação das sublimações em suas formas multifacetadas. (Loffredo, 2014, p.359)

Disso se deriva que o sentimento de culpa, nuclear nos andaimes que sustentam a civilização, está *deficitário* nesse cenário desestabilizante, já que deve ser produto do recalque dos componentes agressivos da moção pulsional, no âmbito da ligação de "natureza dialética" implicada no par recalque-sublimação, cuja operação conjunta encontra muitos obstáculos, na contemporaneidade, para responder às demandas que lhes cabe encaminhar.

Enfim, as expressões contemporâneas de sofrimento psíquico para cujo entendimento as metapsicologias freudianas da angústia e da sublimação têm o que contribuir, nos conduzem à uma conclusão desafiadora: a fragilidade inquietante do espaço ocupado pela *compaixão* nesse panorama de dores que nos acometem tão agudamente, e que nos remetem ao enfático alerta freudiano, já presente em "Três ensaios de teoria da sexualidade".

Mas não custa terminar com um aceno de esperança, para o papel específico que cabe aos psicanalistas no inevitável drama humano, tingido com as cores do turbulento e sofrido cenário político contemporâneo:

> Se alguém quisesse sustentar a tese paradoxal de que o homem normal é não só muito mais imoral do que acredita, mas também muito mais moral do que sabe, a psicanálise, cujas descobertas fundamentam a primeira parte da afirmação, também nada teria a objetar à segunda. (Freud, 1923/2011, p.65)

Referências

Arendt, H. (1999). *Eichmann em jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal.*São Paulo, SP: Compahia das Letras (Trabalho original publicado em 1963-1964).

Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Birman, J. (2016). A leitura freudiana da política. *Psicologia Clínica*, *28*(2), 55-68.

Freud, S. (2003). Projeto de uma psicologia (O.F.Gabbi Jr., trad.). In O. F.Gabbi Jr, *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise* (pp.171-260). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895c])

Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P.C.Souza, trad.,Vol.6, pp.13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (2010). A repressão. In S. Freud, *Obras completas* (P.C.Souza, trad.,Vol.12, pp.82-98). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915a)

Freud, S. (2010). O inconsciente. In S. Freud, *Obras completas* (P.C.Souza, trad.,Vol.12, pp.99-150). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915b)

Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise (Terceira Parte: Teoria geral das neuroses). 25ª conferência: A angústia. In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad., Vol.13, pp.519-544). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1917e[1916- 1917])

Freud, S. (2013). O tabú da virgindade (Contribuições à psicología do amor III). In S. Freud, *Obras completas* (P.C. Souza, trad.,Vol.9, pp. 364-387). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918[1917])

Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P.C.Souza, trad.,Vol.14, pp.161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas* (P.C.Souza, trad.,Vol.15, pp.13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)

Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Obras completas* (P.C.Souza, trad.,Vol.17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926[1925])

Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas* (P.C.Souza, trad.,Vol.18, pp.13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930[1929])

Freud, S. (2010). Por que a guerra? (Carta a Einstein, 1932) In S. Freud, *Obras completas* (P.C.Souza, trad.,Vol.18, pp.417-435). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932)

Freud, S. (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise. 32ª: Angústia e instintos. In S. Freud, *Obras completas* (P.C.Souza, trad.,Vol.18, pp. 224-262). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)

Freud, S. (2018). Compêndio de psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad.,Vol.19, pp.189-273). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940[1938)

Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed.

Herrmann, F. (1994). Mal-estar na cultura e a psicanálise no fim do século. In: L.C.U.Junqueira Filho (Coord.), *Perturbador mundo novo: história, psicanálise e sociedade contemporânea* (pp.305-333). São Paulo: Escuta.

Jones, E. (1962). *Vida y obra de Sigmund Freud* (M. Carlisky,trad., III, "La etapa final"- 1919-1939). Buenos Aires: Editorial Nova.

Loffredo, A.M. (1999). Em busca do referente, às voltas com a polissemia dos sonhos: a questão em Freud, Stuart Mill e Lacan. *Psicologia USP*, *10*(1),169-197.

Loffredo, A.M. (2012). Anotações sobre a leitura freudiana da angústia. *Tempo psicanalítico*, *44*(1), 105-130.

Loffredo, A.M. (2013a). Contribuições do pensamento freudiano para a clínica psicanalítica da atualidade. In C.C.E. Mouammar & E.B.V. Campos (Orgs.), *Psicanálise e questões da contemporaneidade* (101-116). Curitiba: CRV.

Loffredo, A.M. (2013b). Commentaire sur "L'engagement politique des 'intellectuels' de Sophie de Mijolla- Mellor". *Topique*, *124* , "Pensée politique et engagement", 59-69.

Loffredo, A. M. (2014). *Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana*. São Paulo: Escuta/FAPESP.

Loffredo, A.M. (2015). Sublimação e fenômenos culturais. J.C.Bocchi & E.O.de Castro (Org.), *Psicanálise e sociedade hoje* (pp.51-64).Curitiba: CRV.

Loffredo, A.M. (2017). Exílios e sublimações. *Revista Brasileira de Psicanálise*, *51*(1), 96-113.

Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.

Menezes, L.S. (2006). *Pânico: efeito do desamparo na contemporaneidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mijolla-Mellor, S. (2002). *Le besoin de savoir; Théories et mythes magico-sexuels dans l'enfance.* Paris: Dunod.

Mijolla-Mellor, S. (2004a). *A necessidade de crer: metapsicologia do fato religioso.* São Paulo:Unimarco.

Mijolla-Mellor, S. (2004b). Abordagem clínica do sentimento oceânico na sua relação com a crença. *Tempo psicanalítico, 36,* 125-144.

Mijolla-Mellor, S. (2005a). *La sublimation*. Paris: Presses Universitaires de France.

Mijolla-Mellor, S. (2005b). Terrorismo, barbárie e desordem. *Psicologia Clínica*, *17*(1), 136-149.

Mijolla-Mellor, S. (2011*). La mort donnée: essai de psychanalyse sur le meurtre et la guerre.* Paris, PUF.

Revisão gramatical: Natália Calejuri
Email: ncalejuri@gmail.com

Recebido em fevereiro de 2023 – Aceito em novembro de 2023.